

gea

GRUPO DE ESTUDOS ALGARVIOS

2 • MAIO 78 • 50\$00



M. S. Cabral
1950

Gravando — (Grav. de 1950)

O pensamento estético-filosófico do poeta João Lúcio

por JOSÉ NEVES

A arte não é apenas uma expressão lúdica do espírito, sem finalidade profunda; é, antes, e essencialmente, um esforço de apreensão intuitiva da realidade em que, liberto das formas lógicas cristalizadas na Razão, o espírito procura estabelecer relações subjectivas entre as imagens que constituem o Mundo dos sentidos. Expressando-me de outro modo: a atitude estética é um esforço de penetração do real, incipiente, pré-científico, em que o espírito procura, intuitivamente, atingir a evolução dialéctica do Ser. O artista encara o fluir da existência empolgado por um choque emocional semelhante ao que teria arrebatado o homem primitivo na época do alvorecer da consciência. As criações estéticas resultam de visões do Mundo colhidas através de uma claridade instantânea em que a experiência, pelo que nela há de incipiente, não consegue ainda estratificar-se em categorias lógicas, mas em que há uma integração, uma participação da *res cogitans* na essência profunda da dinâmica dialéctica do Ser, dinâmica que se revela no *ritmo* que é a alma de todas as criações artísticas desde a arquitectura à música.

Na visão estética da realidade nem sempre o espírito humano é arrebatado pela angústia da privação do absoluto: o drama do ser perante o Mundo cessa muitas vezes, e, como se os artistas tivessem, então, atingido um plano edénico da existência, o seu espírito con-

templa serenamente «o rio» da realidade.

A criação artística atinge, porém, o sublime — porque aí está o homem em toda a grandeza do seu drama — na Arte «fáustica», na arte plena de inquietação que desce ao âmago do Ser, na Arte que ora é desespero trágico, ora parece suavíssima a elevar-se sobre o oceano da existência.

A experiência estética de João Lúcio é um exemplo vivo desta arte «fáustica», desta arte profundamente dramática.

Detenhamo-nos, portanto, na interpretação da poesia de João Lúcio, malgrado poeta algarvio que a morte arrebatou aos 38 anos, quando do seu estro tanto havia ainda a esperar, ele que, com os olhos da intuição estética, soubera ver tão bem no

*«... fundo misterioso
de tudo aquilo que a vista não alcança».*

Os seus poemas «Descendo», «na Asa do Sonho» e «Espalhando Fantasmas», este último publicado postumamente, são teorias estético-filosóficas sobre o Mundo. Cada um dos poemas abre por uma introdução que resume o seu tema, o qual será desenvolvido nas subsequentes composições da obra.

Na composição de abertura do «Descendo» perpassa a dor do espírito que, contemplando o Mundo, intui que ele é um Oceano insondável de energias que os nossos sentidos apreendem muito



Um retrato pouco conhecido do poeta João Lúcio (pertence a Mário Lyster Franco).

vagamente. É possível que este grito lancinante do poeta seja o eco, repercutido no seu espírito, do grito dos alciones que, nas noites calmas de luar, ecoa sobre o silêncio profundo e solene das águas plácidas da laguna de Olhão.

O artista viu bem que o Universo é uma realidade condicionada pelo sujeito do conhecimento; e a distinção entre uma realidade subjacente, absoluta, e o mundo dos fenómenos insinua-se no pensamento poético de João Lúcio de tal modo que na sua criação poética vai descer ao recesso das coisas, ao mundo do além dos sentidos.

O poema «Descendo», por isso, abre deste modo:

*«Pela escada que desce ao fundo
[misterioso
De tudo aquilo que a vista não alcança,
Pela escada que leva ao mundo nebuloso
De que nos vêm falar só a nossa
[esperança.*

*Por essa escada irei, no silêncio das coisas
Como quem desce para um fundo
[cemitério».*

O poeta, nessa descida dantesta, quer sentir o coração das coisas.

*«Costumando o olhar à treva do mistério
até que a treva seja uma luz»*

para ele.

Nessa estranha viagem pelo mundo transcendente é a Esperança de conhecer novas verdades que guia o poeta; e o seu «conhecimento» poético, liberto do formalismo a que está submetida a experiência sensível, esse mundo da objectividade — vai fazendo luz sobre o Mistério.

A leitura integral do poema «Descendo», que constitui a abertura do primeiro livro do poeta, integra-nos profundamente na angústia do Homem perante o Mundo, oculto na sua essência pelo véu de Maya. É esta uma das composições mais belas do artista, mas a mesma tonalidade dramática perpassa através dos poemas seguintes: em todas as coisas há uma linguagem que nos traz o eco de esse mundo transsensível;

*«... em tudo há linguagem,
No Mar, como na Cinza, e nos gestos
[e flores.
O cedro, p'ra falar, tem a voz da
[ramagem,
Fala a própria luz pelo verbo das cores».*

Essa linguagem só a compreende o poeta. Assim, os perfumes,

*«... são segredos que a morte
vai aos peitos buscar das virgens
[namoradas,
Ou lírio que se colha, ou rosa que se corte,
Traz sempre algum amor nas pétalas
[fechadas!»*

A mensagem de esse mundo transcendente sentiu-a o poeta quando passou no «Cemitério das Noivas», onde Ofélia andava ainda entoando a mesma canção que cantava ao afogar-se nas águas do rio...

Mas através de esse mundo oculto cujo eco João Lúcio vai interpretando, depois de haver sentido a alma das pedras, do Silêncio e da Sombra, depois de haver perscrutado o murmurar do vento nas florestas — encontrou em tudo, apenas, a Tristeza e a Dor, essa

«Irmã do Infinito e da Eternidade».

*«Há tristeza no Mar, no fumo e no granito
Nos mudos vegetais, até na luz do dia;
Há tristeza no pó, como no Infinito,
O próprio Deus também sente
[melancolia».*

Esta tristeza de que nos fala o poeta é imperecível no Universo; sentimos-la bem, aspiramos bem o seu hálito, quando, percorrendo as páginas do poema, lemos as invocações com que terminam algumas composições:

*«Nevoeiros, descei: chorai por sobre
[o mundo,
Desdobrai, sobre nós, um silêncio
[profundo
Tão pesado que lembre uma
[estrangulação,*

*Apagai, apagai, num voejar sinistro
Este mundo em que há tantos
[crucificados»*

E, mais adiante, na «Sombra», a invocação é feita à «cinza do luar»:

*«Oh cinza do luar, oh vaporização
D'olhos mortos, talvez, ou de beijos
[perdidos:
Vem dar-me a tua paz; enche-me
[o coração;
Vem dar-me o teu sossego; afoga
[os meus sentidos...»*

É, porém, na poesia intitulada «Canto à Tristeza» que, não só pela forma, como pela concepção temática, se atingem as raias do sublime: aí o poeta mostra-nos claramente que a «tristeza» é, para ele, um dado imperecível do Mundo.

Quem acompanhar, de espírito atento, o artista por esse além-dos-sentidos sentir-se-á dominado por esse terror divino que nos empolga ao lermos as estrofes da Divina Comédia de Dante. O Dr. Fernandes Lopes, numa conferência realizada em Olinhão, estabeleceu já, brilhantemente, este paralelo entre o grande poeta medieval e o nosso João Lúcio.

Mas, prossigamos, acompanhando o desenvolvimento do pensamento estético do poeta.

Depois de ter escrito o «Descendo», e terminado o seu curso de Direito em Coimbra, João Lúcio regressa ao Algarve onde a sua inspiração artística sofre uma transformação. A tristeza continua a ser para o simbolista transcendente que ele era a essência do Mundo, mas o espectáculo empolgante do litoral algarvio excitou de tal modo a sua imaginação colorista que, agora, ascende ao mundo aparente dos sentidos para no «Meu Algarve» cantar em estrofes maravilhosas, em que abundam as imagens da mais requintada sensibilidade, este país do Sul que, debruçado sobre um oceano encantado «dum veemente azul em ritmos de veludo» — vê passarem, ao largo, os navios que

*«..... parecem
Lírios que vão boiando e voando serenos»*

e as velas

«uns malmequeres pequenos».

O «Meu Algarve», embora constituído por várias composições, pode considerar-se um poema único pela sua textura. Depois da abertura, em que o autor expõe o pensamento estético que norteia a obra e a que não falta uma

bela invocação à «Natureza imortal» — ora se detém suavemente cantando as lendas populares entoadas na rítmica do verso de sete sílabas, ora se eleva em notas vibrantes de cor na descrição do Mar, da Terra e das Montanhas.

A lua do céu do Algarve que, beijando a Terra e o Mar, desdobra sobre as coisas um manto argentino de sonho e que os pescadores vêm subir entre os cachões

*«Como uma flor de gelo abrindo
[entre esmeraldas»*

fez que a mundividência poética de João Lúcio, depois de um hino à terra das cores fortes sob a luz meridiana, não tornasse a percorrer o mundo subterrâneo do «Descendo». Após ter encontrado no recesso das coisas a Tristeza, vai procurar no Sonho um lenitivo para a sua alma dilacerada pela visão tétrica do Inferno a que descera no seu primeiro livro. Através do «Meu Algarve» anunciava-se já o novo poema, quando na poesia «A volúpia do Sonho» o poeta nos diz que

*«Sonhar é aspirar a um mundo mais
[perfeito;
É dilatar a alma em êxtase bendito;
É deixar o que é mau, banal ou imperfeito
Para atingir o que é suave e infinito.»*

O tema desenvolver-se-ia, com efeito, sistematicamente, na «Asa do Sonho», poemas que foram publicados em 1913. Aí, é a um novo mundo emocional que o poeta nos conduz; um mundo que também não é apreendido na experiência vulgar, um mundo vago, errante à superfície das coisas, e a que ele quer ascender acompanhado pela sua musa que, melhor do que o poeta, é capaz de o sondar. Esse é o mundo do Sonho, esse sonho que sentimos adejar sobre nós

*«Como um beijo de Deus sulcando
[o Infinito!»*

João Lúcio admite que em todas as coisas há um sonho que as arrebatá, tomando assim o seu mundo estético uma feição dinâmica de que o Sonho é a essência.

Com a publicação de «Na asa do Sonho», o poeta completara o que se pode chamar um sistema estético-filosófico baseado no conceito de uma

substância que os sentidos não podem apreender na sua essência. Atributos de tal substância são a Tristeza, como manifestação da Dor, e o Sonho que é a condição da evolução e da inquietação dos modos da existência.

Na poesia «A Torre azul», acompanhado pelo seu amor — lembrando-nos ainda Dante — transporta-nos a uma torre de onde se contempla o mundo. Na ascensão, vai descobrindo os sonhos emanentes das formas sensíveis mais subtis e, ao atingir o cimo da torre, ouve, elevando-se de todo o Universo, um murmúrio que «lentamente se evapora».

*«É o Sonho indefinido
Desse futuro distante
Que, num anseio dolorido
Cria a Quimera gigante,
De toda a vida dos mundos
Preso a mesma comoção
Do mesmo Amor transcendente
Procurando a Perfeição.»*

Quando me referi à «substância» de João Lúcio, e aos seus atributos, não empreguei tal termo no sentido ontológico que lhe deu Spinoza. Para o nosso poeta, que era essencialmente um artista e não um filósofo, há uma *substância poética* e não uma *substância lógica*: o mundo para ele tem um substracto material — o «pó», a «argila» — que vai tomando várias formas no decurso do tempo, mas conservando, porém, a recordação das formas perdidas. Tal princípio estético-filosófico da reminiscência de formas que se soergueram e mergulharam depois no oceano do «pó» já fora anunciado na primeira obra — «Descendo» — mas será desenvolvido como tema essencial no poema póstumo «Espalhando Fantasmas». Aí toda a elaboração poética se desenvolverá, portanto, em torno da visão da recordação de formas vagas que, fantasticamente, flutuam, como ecos de um passado perdido, nas ondas do mar, nos nevoeiros, nas labaredas e na nossa alma onde dormita um mundo inesgotável de espectros.

*«Uns vêm de impressões e sensações
[da vida
E brumas da alma são, que à nossa
[já uniu
Uma afeição passada, arrefecida;
Outros brotam da treva ancestral,
[esvaída,
Que pairando Os continha e no-los
[transmitiu.*

É são estes fantasmas, estes espectros que a Saudade traz à superfície da alma do poeta e que ele vai cantar, espalhando-os sobre as outras almas.

*

Lançando uma visão retrospectiva sobre o que fui escrevendo sobre a interpretação artística do Mundo em que estamos integrados e que nos transcende pelas trevas densas que o envolvem mas que o espírito humano tenta rasgar — observemos como João Lúcio, com o facho da Poesia foi iluminando esse mundo misterioso situado para além das imagens colhidas pela experiência vulgar. Os murmúrios do vento e das águas e a atitude trágica dos rochedos encontraram no espírito do artista novas faculdades de interpretação. E esse Mundo que o Poeta descobriu não cabe nas formas estruturais da Razão científica construídas através de uma experiência milenária norteada por uma motivação pragmática: é um Mundo, que foi também o de Teixeira de Pascoais e nele, para além das aparências sensíveis, brilha um outro Sol; é um Mundo que renascerá eternamente enquanto a asa da Poesia adejar sobre a alma inquieta e dolorosa do Homem.

João Lúcio visto por Manuel Cabanas (1945, 10,5 x 8 cm).



José de Jesus Neves Júnior (1901-1982) ^{1,2}

*XVI da "passagem de século".
- Confirmação a teoria heliocêntrica
por Kepler - Galileu - e outros*

Página inicial

Biografia em poucas linhas

Biografia

Fotobiografia

Biografia

Personas de Portugal - Anos 01

Biografia em poucas linhas

Nasce em Faro, Rua do Compromisso, dia 15 de Outubro de 1901. Dealbar do novo século.

Tem o mesmo nome de seu pai, José de Jesus Neves, acrescentando-se o Júnior, como elemento individualizador.

É em Faro que cresce, que frequenta a escola primária, o Liceu. Em Faro desperta o seu gosto pela música ao ouvir os sinos das igrejas nos dias santos. Pela leitura também.

Os livros, a leitura, as ideias, tornam-se cada vez mais importantes. E do pequeno livro infantil e das primeiras leituras de O Século avança para o romance, para Júlio Verne, Vitor Hugo, depois, Tolstói, Herculano, Lamartine. Daí, salta para as questões sociais, económicas, políticas, para as teorias, doutrinas, como o socialismo, o anarquismo e para descoberta da Filosofia - Nietzsche, Spencer, Schopenhauer entre outros, mais tarde Kant. A História prende-o assim como a epistemologia e a poesia. A música, sempre.

Rapaz de família de escassos recursos, interrompe os estudos após completar o 6º ano, para trabalhar num escritório comercial. Continua os seus estudos por si só e com a ajuda de um cônego para o latim. Faz o exame do 7º ano de Letras em Julho de 1920. Prossegue depois para a Faculdade de Letras de Lisboa, onde frequenta o curso de Ciências Histórico-Geográficas entre o ano de 1921 e Janeiro de 1927, data da apresentação da tese de licenciatura. Durante este período o sustento económico é feito à custa de explicações.

Inicia a sua actividade lectiva no Liceu Passos Manuel em Novembro de 1927. Segue-se o estágio no Liceu Camões de Janeiro a Junho de 1928, o Liceu de Faro (1928-29) e Beja (1929-30), o Liceu do Funchal (1930-38), o Liceu de Évora (1939-45) e novamente e em definitivo, o Liceu de Faro (1945-71). E nos interstícios destas três linhas breves, uma vida dedicada ao ensino e à cultura, à participação cívica. Uma vida em poucas linhas. Vida de quem quis ser professor, para toda a vida ser estudante.

Cristina Neves

